



História, patrimônio e memória em Camalotes e Guavirais

History, heritage and memory in Camalotes e Guavirais

Mariza de Souza Covary¹

Resumo: O presente artigo trata acerca da vida e da obra do escritor, Ulisses Azul de Almeida Serra como registro de reconhecimento de valor histórico, estético e enquanto Patrimônio Histórico Imaterial e de memória de Mato Grosso do Sul. Livro de crônicas, *Camalotes e Guavirais* (1971), cuja segunda edição foi publicada em 1989, obra única do autor, é uma referência das memórias registradas que revelam acima de tudo a identidade histórica e muito mais acerca do Patrimônio Histórico Material existente na região nos dias atuais. Nesse artigo pretende-se utilizar alguns recortes das crônicas, a fim de demonstrar a existência ou referências antigas, a transformação e a preservação dos bens materiais sociais locais

Palavras chave: Ulisses Azul de Almeida Serra; Patrimônio Histórico Imaterial; Identidade; Mato Grosso do Sul.

Abstract: This article deals with the life and work of the writer, Ulisses Azul de Almeida Serra as a record of recognition of historical, aesthetic value and as Intangible Historical Heritage of Mato Grosso do Sul. Book of chronicles, *Camalotes and Guavirais* (1971), whose The second edition was published in 1989, the author's unique work, and is a reference to the recorded memories that reveal above all the historical identity and much more about the existing Material Historical Heritage in the region today. This article intends to use some clippings of the chronicles in order to demonstrate the existence or old references, the transformation and preservation of local social material goods.

Keywords: Ulysses Azul de Almeida Serra; Intangible Historical Heritage; Identity; Mato Grosso do Sul.

Introdução

Este artigo remete ao resgate da obra *Camalotes e Guavirais* (1979) e aquilo que representa para a história e desenvolvimento, pré e pós divisão do estado, hoje Mato Grosso do Sul, bem como de outros possíveis registros do escritor, memorialista e jornalista, Ulisses Serra. Corumbaense da fronteira, (daí os camalotes) radicado em Campo Grande, (os Guavirais), Ulisses Serra menino cresceu e viveu sua infância com intensidade, parte de sua existência em Corumbá, saindo desta para o enfrentamento natural da vida por outros

¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

lugares, mais tarde se instalando na capital. O Ulisses Serra homem testemunhou, rememorou e posteriormente, registrou em sublime obra o esplendor local, a natureza, as celebrações, o pioneirismo, as pessoas, costumes, lendas, músicas e tradições.

O objetivo central deste estudo consiste em demonstrar a importância da obra *Camalotes e Guavirais* como Patrimônio Cultural Imaterial de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, além de explanar acerca da vida e obra, traçaremos um paralelo atemporal acerca da quebra de paradigmas culturais e sociais no desenvolvimento da sociedade, pois é sabido que as crônicas dentre outros documentos memorialísticos, trata da herança cultural de um povo. A identidade local que compõe-se de imigrantes, os prédios antigos de origem europeia, o Relógio, o Obelisco, as Ruas em registros que proporcionam posterior tombamento de bens como Patrimônio Material. Há memória das transformações locais de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul temos que:

Além das gravações, registros e arquivos, a UNESCO considera que uma das formas mais eficazes de preservar o patrimônio imaterial é garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar produzindo-o e transmitindo-o. Assim, a Organização estimula os países a criarem um sistema permanente de identificação de pessoas (artistas, artesãos etc.) que encarnam, no grau máximo, as habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material. (UNESCO, 2003)

O papel do escritor e a receptividade do leitor mediante a literatura, segundo (CÂNDIDO, 1965 p.120) está em fazer refletir o universo social local, como diálogo cultural que resulta do poder de transformação profunda do sujeito e sua compreensão da realidade em um cotidiano em decomposição e fragmentado. A representação simbólica da sociedade para o pioneiro dessa área teórica, contribuiu principalmente com as literaturas latino americanas e europeias. Segundo o autor acima citado, a maior ruptura que ocorreu na literatura está ligada a noção da “liberdade da escrita” e o “senso da negatividade”, pois uma vez quebrada as regras tradicionais cada texto fala por si e responde por si próprio, tornando a sociedade um universo híbrido e de transformações contínuas, ou seja, a literatura não está em crise, ao que aponta:

Na literatura brasileira há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870), e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história da nossa cultura; a velha mãe pátria deixara de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado. O particularismo se afirma agora contra todo academismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a consequente atenuação da rebeldia. (CANDIDO, 1965, p. 118-120)

Falar de “particularismo” e ‘atenuação de rebeldia’ em crônicas e juntar esse entendimento de ‘liberdade de escrita’ e ‘senso de negatividade’, parece contraditório sabendo que através das crônicas concebem-se ocorrências cotidianas. Logo, a rebeldia descrita nua e crua precede causa própria e suas particularidades descritas são seu testemunho. Sendo assim a liberdade de escrita denota parte de todo senso literário ou configura a literatura. Através da literatura e outras artes, observamos que a representatividade do meio, o local, o sujeito e a identidade são transmitidos de geração em geração como Patrimônio Imaterial que tem seu valor próprio e certamente devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo, o que a Constituição assegura:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (CONSTITUIÇÃO, 1988)

Esse resgate ao passo que traduz no leitor o sentimento nostálgico através do tempo, no caso, as crônicas que se referem ao Estado do Mato Grosso do Sul, *Camalotes e Guavirais* torna-se também antropofágico – a antropofagia, note que esse termo aqui está é somente para justificar o sentimento de apropriação da leitura, segundo as palavras do escritor modernista, Oswald de Andrade, em seu *Manifesto Antropofágico*, (1928), cujo nome foi inspirado na crença dos índios que devoravam o inimigo, para assimilar suas qualidades, compreensível nas seguintes palavras:

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas. Esta ambiguidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização. (CANDIDO, 1965, p. 127)

Sejam por fragmentos de testemunhos antigos, músicas, cartas, poesias, a literatura é fundamento que dá sentido e tira o sentido, o elemento descritivo que move as crônicas na obra do autor em estudo, faz com que ocorra durante a leitura das mesmas, o processo da tomada da leitura para si. São tesouros que atravessam o tempo e guardam a memória de uma sociedade. Embora o conceito de *Literatura e Sociedade* remonte aos primórdios de 1800, fundamentando e defendendo particularidades do Romantismo e da Modernidade, a literatura da crise ou ruptura, o fim do romantismo perpassando pelo modernismo, as particularidades literárias de muitas obras, foram preservadas. Segundo o teórico, todo ser humano necessita do “senso de realidade e necessidade de fantasia”, que é vastamente encontrada na literatura e que ainda está ligada a natureza, as dores humanas, a morte, aos anseios, mudanças e transformações sociais.

1.1 Ulisses Serra Vida e Obra

O estudo das particularidades do autor sul mato-grossense Ulisses Azul de Almeida Serra (1906-1972), em sua obra única *Camalotes e Guavirais (1971/ 1989)*, surge de um interesse de pesquisa em duas etapas, em dois momentos históricos e contextos diferentes traduzido em passado, presente e futuro. Nascido em Corumbá em 1º de Setembro de 1906, Ulisses Serra como ficou conhecido, teve seus primeiros estudos no local de nascimento e posteriormente o ensino superior em São Paulo como Perito Contador e faculdade de Direito não concluída. Em retorno ao Mato Grosso constituiu família fixando-se em Campo Grande, fundou o Sindicato de Contadores, foi deputado classista, Tabelião e Escrivão, e em sua jornada como Jornalista e Escritor Memorialista, lançou sua obra pela primeira vez em 13 de outubro de 1971 e depois de dezessete dias inaugurou a Associação ou academia Sul-mato-grossense de Letras e História, sendo co-fundadores José Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Sousa.

As possibilidades de ler esta obra a partir de uma visão interacionista, ou seja, da doutrina que busca compreender o indivíduo e a sociedade como frutos de suas interações, que instigam possibilidades de lançar um olhar atual para o local originário da obra, sem passar pelo crivo da verdade, mas apenas da ficção, rememorar, através de tais crônicas o

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

passado, vislumbrar o presente ao passo que atentar para o novo no que tange o futuro, é também situar o sujeito ao entendimento que esse estudo implica, tão somente mergulhar naquilo que liga a transformação de cultura e memória com pretensões de significado em sua totalidade ao representar o sentimento involuntário da descarga emocional dentro de “estórias” também fragmentadas em uma sociedade de igual forma. Segundo (HALL, 2002, p. 14) “As sociedades modernas são, portanto, definição, sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes”. Esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e “modernas”. No caso deste estudo, o gênero sociedade e o termo literatura são objetos próprios do conhecimento.

Falar de Patrimônio, memória e cultura implica falar da (des) construção de uma cultura nacional. O Brasil é composto pela presença de várias nacionalidades e culturas diferentes, os imigrantes internacionais provenientes da Europa no período pós - guerra ou idos de 1947 e 1951, ocuparam diversas regiões brasileiras, dentre elas a região centro-oeste, especificamente na capital Campo Grande. Podemos observar nas crônicas que o autor de forma crítica refere-se a essa fase capitalista, onde o desenvolvimento local inspira política e poder, o fator trabalho e imigrantes na crônica “A Marcha das carretas” , onde se diz: “não achei fazenda que me satisfizesse, as melhores já estão tomadas. O que me aconteceu de não achar fazenda, está acontecendo a muitos que estão seguindo para adiante” (SERRA, 1989, p. 115). Os pioneiros que aqui estavam encontravam concorrência, sangue derramado também encontra espaço nas estórias descritas pelo autor. São evidenciadas várias etnias, dentre elas, *italiana, francesa, espanhola e japonesa* grupos que chegaram e se estabeleceram como tradução da diversidade cultural no estado, chegaram e permaneceram com seus usos e costumes, características e línguas. Se instalaram não só Centro-oeste, mas em outras regiões do Brasil como povo forte e desbravador traduzido em personagens com características marcantes. Essas referências são observadas em todo o tempo durante a leitura da obra e podem ser observados nos fragmentos abaixo:

Um era o Zambelli, italiano corpulento, olhos azuis, sempre de colete, terno cáqui ou esverdeado e chapéu de abas largas. Tinha um modo peculiar de fixar o seu interlocutor. (SERRA, p. 75)

Já as referências nas crônicas acerca das passagens de personagens de colônia japonesa, o autor ao passo que descreve o esmero na medicina ao lado personagens ilustres como Vespasiano Martins, pioneiro sul mato-grossense, cita também o nome de personagens

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

japoneses que configuram parte da população regional e pode ser observadas na crônica intitulada *A Farmácia Royal*, que o autor pondera:

Uns mais cedo, outros mais tarde integrariam a equipe médica de Vespasiano Martins, fazendo muitas vezes operação de emergência, à luz de lampião, na própria Royal. No receituário, Jarbas e Totinho. Mais demorada e marcadamente, João Akamine e Guenka Kokichi. Ambos se afeiçoaram extremamente à terra campo-grandense e foram dois símbolos de amizade a Vespasiano Martins. (SERRA, 1989, p. 23)

A cultura espanhola, evoca à memória, saudades da pátria: A lembrança é elemento da memória para todos os povos. “Assim como a memória do espanhol Inácio Gomes pedenos a justiça de uma rua com o seu nome, a memória de Augusto Wulffes também.” (SERRA, 1989, p. 28). A cultura e a memória, o sujeito e a identidade ligados aos imigrantes são frisados com veemência, praticamente em toda a obra, cada grupo vivenciando, defendendo e lutando pela sobrevivência de sua própria cultura frente à descoberta. “Alegre, simples e generoso, nele se estereotipavam as coisas e a gente da sua terra natal. Nenhum outro homem as encarnou tanto quanto ele”. (SERRA, 1989, p. 18). A apropriação cultural ou não, pois muitos mantiveram e até os dias atuais mantem seus costumes, sua identidade, sendo essa última, a parte que torna completude da estrutura social vigente, não somente do âmbito nacional, mas principalmente no âmbito regional, ao que o autor revela a essência da apropriação:

Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o “global” e o “local” na transformação das identidades. As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma *particularista* de vínculo ou pertencimento. (HALL, 2002, p. 76)

A palavra caleidoscópio cabe nessa concepção perfeitamente enquanto termo inusitado à posterior revelação de alguns textos, traçando um paralelo superficial, pois não se trata de uma atividade comparativa e qualquer intenção de esgotá-la com apontamentos desnecessários, é uma reprovação. “Viera da França, pátria da espiritualidade, que mandava para o mundo suas sedas e seus perfumes, sua cozinha e sua cultura, sobretudo a moda, que fascina e tortura as mulheres. Seu ofício era ligado à elegância”. (SERRA, 1989, p. 109). A partir dos pressupostos teóricos perscrutados nesse estudo, atentamos que possuem um caráter sócio discursivo e linguagem clara e concisa que leva o leitor a ter uma expectativa e experiência positiva frente à curiosidade gerada pela obra em estudo. Saber que a

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

representação de um testemunho ou memória do autor é a essência do sentimento nostálgico particular do leitor e para quem não conhece a obra, mas alguns pontos referentes como o Pantanal, patrimônio da região local, minuciosamente ou o significado latente do título que a obra carrega.

As pessoas não identificavam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classes, a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconhecidas e representadas. (HALL, 2002, p.20 e 21)

Nesse percurso para compreender e contribuir com a relação de causa e efeito cultural, as crônicas selecionadas para análise seria justamente as carregadas de imagens textuais e simbólicas da obra, que bem poderão, de início, retirar parte de nossas certezas, mas ao final, certamente oferecerá uma gama de possibilidades para a prática da produção de conhecimento e memórias, elaborando novos significados, ao que o autor pondera:

Uma forma de unificá-las tem sido a de representa-las como a expressão da cultura subjacente de um “único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais, língua, religião, costume, tradições sentimentos de “lugar” que são partilhadas por um povo. (HALL, 2002, p.60)

Compreender a composição do sujeito plural em um nível regional, na concepção que vivencia, respeita e não conceitua precocemente a identidade de um grupo, que não faz acepção, desfaz o pensamento da identidade descentralizada e traz a tona o anseio de uma sociedade igualitária em um palco onde há diversidade histórica, logo cultural decorrente de um processo de fragmentação e rupturas, são prioridades enquanto resultados preliminares.

1.2 Patrimônio Histórico Imaterial e Material – A Rua 14 de Julho

Podemos compreender todo registro de Patrimônios Culturais Imateriais como apenas fictícios por um período de tempo e depois real no espaço físico social/local, ou seja, até a ocorrência do tombamento como Patrimônio Histórico Material. O livro *Camalotes e Guavirais* resgata através das crônicas, testemunhos altamente descritivos, monumentos, edificações, bairros, ruas, paisagens, músicas, pessoas ilustres e outros “o Patrimônio Imaterial é uma fonte de identidade e carrega a sua própria história”. Assegurar a diversidade

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

das manifestações históricas culturais é tornar sua simbologia imortal. É o caso da Rua 14 de Julho, situado no coração da cidade de Campo Grande no Mato Grosso do Sul, em referência a crônica “A Rua 14 do meu tempo”. Hoje um dos símbolos da sociedade sul mato-grossense, passou por intensas transformações desde 1930, nome recebido na primeira década de 1900.

Em 1930, mudou seu nome para Aníbal de Toledo, em homenagem ao presidente eleito do Estado de Mato Grosso. O governante, no entanto, durou apenas nove meses no poder e a rua passou a se chamar João Pessoa, em homenagem ao candidato a vice-presidência do Brasil que nesse mesmo ano fora assassinado, comovendo toda a nação. Em 1941, a rua volta a sua denominação primitiva, que nunca tinha sido abandonada pela população. (ARCA)

A crônica narra acerca da troca de nome que não prosperou, sendo que a mesma atravessou os séculos. Estrada de terra vermelha, um ‘encanto’ na estação chuvosa e na estiagem quando vento soprava a nuvens de terra aos quatro ventos, cavalos e carroças em um trânsito diferente do caótico apresentado na atualidade nos grandes centros. A narrativa denota as primeiras transformações: “Não supúnhamos nunca chegar a vê-la como hoje com arranha-céus, luzes azuis, anúncios luminosos e multicores, jornais diários, estações de rádios, tevês, num intenso movimento de metrópole.” (SERRA, 1979, p. 22). Abaixo vemos em foto antiga, a Rua 14 de Julho.



Figura 1 – Rua 14 de Julho (foto antiga)

Fonte: <https://www.midiamax.com.br>

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

A partir de registros de fotos antigas, a tecnologia faz a mediação atemporal em passado, presente e futuro, revelando o que era: a estrada de terra com cavalos e carroças, o que se tornou: uma rua comercial com lojas e vitrines, o que representa para a sociedade local atualmente, um espaço a céu aberto com bancos e paisagens que dão ar de vida.



Figura 2 – Rua 14 de Julho (primeiros arranha-céus. Meados de 1930)

Fonte: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/r-14-de-julho/>

Em meio ao processo de transformações em uma sociedade, muito se perde e se mantém as preservações e futuras manutenções dos prédios históricos, ruas e avenidas, monumentos são parte da trajetória daqueles que vivenciaram e marcaram uma geração, daquilo que as mãos ergueram, que os olhos viram, restando memórias do que os ouvidos ouviram. Emoção é a tradução do sentimento que as manifestações do tempo significam e o tombamento a Patrimônio Histórico Material a representação e também o pertencimento local.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*



Figura 3 – Rua 14 de Julho – transformada em 2019.

Fonte: <https://www.terere news.com/reviva-campo-grande-vai-alem-de-obras-na-rua-14-de-julho/>

Em anexo, segue o texto para leitura, crônica de Ulisses Serra que fundamenta as transformações sociais e por assim dizer culturais. Em cada tempo uma expressão não de estética e puro estilo, mas a configuração da identidade da capital de Campo Grande e seus 120 anos de história guardadas para as gerações vindouras nos arquivos e museus, bibliotecas e sites tecnológicos e nas memórias dos que testificam.

1.3 A Rua 14 do meu tempo

Talvez outra não tenhamos no Brasil com essa denominação em homenagem a um dos degraus escalados pelo homem em busca dos seus direitos. Em setembro de 1930 trocaram-lhe o nome pelo de Aníbal de Toledo, de modo que o atuante e dinâmico prefeito Antônio Antero Paes de Barros

melhor se aquecesse ao sol surgido no Alencastro, em 22 de janeiro daquele mesmo ano.

O homenageado, presente à cerimônia, ouvia embevecido as loas e os ditirambos da lisonja, supondo a placa fosse atravessar os séculos, levando-lhe o nome. No mês seguinte 2sobreveio a revolução e seus autênticos adeptos, repentinamente fortemente engrossados

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

por rubros e acalorados adesistas de última hora, trocaram-na aos urros pelo de João Pessoa. Quinze anos depois, o prefeito-interventor Carlos Huguenei Filho restaurou o antigo nome, que não desertara da preferência do povo.

Ao meu tempo de moço, a rua tinha o leito desnudo e vermelho. Na estação chuvosa, era um tremedal; na estiagem, quando o vento norte soprava rumo ao sul, rolavam colunas escarlates, altas, espessas de poeira, tão compactas que não se reconhecia o transeunte da calçada oposta.

Só pelo meio dia ia cessando o castigo do pó e do vento. Tudo ficava vermelho, encardido, marcado pela poeira. Sonhávamos vê-la um dia revestida de asfalto, iluminada, com água e esgoto, regurgitante de gente e de carros. Não supúnhamos nunca chegar a vê-la como hoje com arranha-céus, luzes azuis, anúncios luminosos e multicores, jornais diários, estações de rádios, tevês, num intenso movimento de metrópole. Homens de bombachas, culotes, ponchos, revólver nas guaiacas cômodas e seguras. Outros, de camisa de seda italiana, ternos de linho branco e creme HJ.110 e 120, tussor de seda, cor-de-palha, procedente do Japão e da Itália. Mulheres sertanejas vestidas à moda do sítio, às vezes montadas a cavalo, chapelão de feltro e saias sobre calças de homem. Lindas mulheres trajadas elegantemente, enchendo a rua cabocla de charme e essências da França. Iam e vinham aranhas e troles tirados a dois cavalos, com cocheiros japoneses à boléia. Pessoas e casas marcavam mais nitidamente a rua, dando-lhe características próprias, modelando-lhe a alma.

(SERRA, 1989, p. 18)

Considerações finais

Diante das informações reveladas acerca das crônicas do memorialista Ulisses Serra, fundamentadas com fatos que norteiam a questão do resgate enquanto Patrimônio Cultural, não seria leviano afirmar que todo Patrimônio Histórico Material tombado tem sua origem em fontes de Patrimônios Imateriais. Literatura é documento, registro de arquivos e acontecimentos que marcam os séculos. Diante dessa afirmação, o reconhecimento da obra única do escritor e jornalista *Camalotes e Guavirais* (1989) é fato. Pioneiro das cercanias e dos grandes centros contribuiu para o desenvolvimento do estado do Mato grosso do sul. Suas atuações como contador, deputado, tabelião, escrivão, jornalista e escritor, deixou suas impressões como uma voz que ecoa ao fundar a Academia Sul Mato-grossense de Letras. Certamente as contribuições dessa obra para o conhecimento da história e cultura da região

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Centro-oeste é significativa e precisa ser tratada de forma que tais “testemunhos” não adormeçam sendo esquecidos no tempo.

Referências

CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SERRA, Ulisses. Camalotes e Guavirais. 2º ed. Campo Grande, 1989.

ARCA. Arquivo Histórico de Campo Grande. (Campo Grande e Rua 14 de Julho – Tempo, Espaço e Sociedade – Antônio Firmino de Oliveira Neto) Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/r-14-de-julho/> Acesso em 05/10/2019.

CAMPO GRANDE NEWS. Vida e alma sul mato-grossenses com Camalotes e Guavirais de Ulisses Serra. Campo Grande, 24/11/2015. Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/colunistas/grandezas-da-literatura/vida-e-alma-sul-mato-grossenses-com-camalotes-e-guavirais-de-ulisses-serra> Acesso em: 03/09/2019

CGNOTÍCIAS. Reviva vai identificar Patrimônio Histórico da Rua 14 de Julho com uso de Tecnologia. Campo Grande, 01/07/2019. Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/cgnoticias/noticias/reviva-vai-preservar-patrimonio-da-rua-14-de-julho-com-identificacao-moderna-de-imoveis-historicos/> Acesso em: 05/10/2019.

CAVALCANTE, Guilherme. 21 imagens antigas de Campo grande para deixar qualquer pessoa nostálgica. Campo Grande, 06/05/2016. Disponível em: <https://www.midiamax.com.br/midiamais/2016/21-imagens-antigas-de-campo-grande-para-deixar-qualquer-pessoa-nostalgica>

HILCAR, Teresa. MS 42 ANOS – Identidades de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 10/10/2019. Disponível em: <http://www.ms.gov.br/ms-42-anos-identidades-de-mato-grosso-do-sul/> Acesso em: 12/10/2019.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

HISTÓRIA DAS ARTE. Manifesto Antropofágico. Disponível em: <http://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/modernismo/manifesto-antropofagico/> Acesso em 10/10/2019.

SENADO FEDERAL. Constituição da Republica. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp Acesso em: 03/09/2019.

UNESCO. Patrimônio Cultural Imaterial. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/> Acesso em 03/09/2019.

YOUTUBE. Brasil Século XXI - Cultura, Produção, Representação simbólica da Sociedade - Palestra de Antônio Candido - 07-11-1988 - Arquivo RTV Unicamp
<https://www.youtube.com/watch?v=Z0M9A7Bzcbc> Acesso em: 01/10/2019